

DARCY RIBEIRO



Darcy Ribeiro: "O próprio presidente da Funai declarou ser contra preservação de áreas indígenas"

"O problema do índio é o homem branco"

Que futuro aguarda o índio brasileiro? Que papel a Funai vem desenvolvendo com relação à questão indígena? Como é vista, no exterior, a política governamental do país para com os legítimos habitantes desta terra? Em entrevista concedida anteriormente ao DIÁRIO DA MANHÃ, o antropólogo Darcy Ribeiro — que é também escritor, professor e ex-ministro da Educação e Cultura — responde às perguntas acima e traça um perfil da situação agonizante, pela qual vêm passando as tribos brasileiras.

A passagem de Darcy Ribeiro por Goânia foi rápida. Veio para proferir palestras e participar dos debates que envolvem a "Semana do Índio Brasileira", promovida por órgãos locais, interessados ou relacionados com o assunto. Após o debate, ainda anteriormente o antropólogo de renome internacional, profundo conhecedor da questão indígena, da educação e da atualidade brasileira, seguiu para Brasília.

O encontro durou menos de meia hora, e aconteceu no saguão do Hotel Bandeirantes, onde Darcy Ribeiro estava hospedado. Um pouco magro, cerca de 1,65m de altura, grandes sombrancelhas. Cabelos oscilando para o grisalho, palavras e gestos comedidos, o antropólogo explicou em pouco tempo genocídio que vem sendo praticado contra nós. Hoje, não.

O BRANCO É PROBLEMA

DM — Professor, qual o grande problema do índio brasileiro?
Darcy Ribeiro — Os índios não são problema. Nós é que somos problema. O branco é que é problema. Os índios estão lá no seu mato, tranquilos no seu meio ambiente. Os brancos é que chegam para cutucar, para chatear, para roubar, para estuprar, para violentar. Uma coisa que o público em geral não sabe: os índios não conheciam doença nenhuma dessas que nós temos. Por exemplo: gripe, doença venérea, nem cárie dentária. Cada vez que um grupo indígena entra em contato com a civilização, entra em contato com a virulência, o que vai apodrecer os corpos deles.

Você vê um grupo indígena isolado, sem contato com a civilização, tem um vigor físico belíssimo. Com o contato com a civilização, ele vira um molambo, um indigente, padecendo de todas as enfermidades que nós sofremos. Ou, uma condição pior ainda, por eles não saberem cuidar das enfermidades. Então, os problemas são os brancos. E, sobretudo, a brutalidade da chamada civilização.

No caso do Brasil, a questão indígena se agravou nos últimos anos por diversos fatores. De um lado, a velocidade maior da frente de expansão. A ocupação, pela sociedade brasileira, das áreas ainda vazias, está se dando com muita rapidez. Então muita gente, nas frentes de civilização, está indo de encontro a índios que estavam isolados, que nunca tinham tido contatos com a civilização.

proteção aos índios — a Funai, que sucedeu os serviços de proteção ao índio, já não protege. Hoje em dia o maior inimigo dos índios é a Funai.

DEMISSÃO DE ANTROPÓLOGOS

Os índios têm medo do pessoal da Funai, que nos últimos anos despediu 38 antropólogos indianistas e os substituíram por militares aposentados. Ou seja, é como se, caso desejasse que alguém evitasse os gemidos de doentes, e se lhe dessem que substituíram os médicos do hospital por sargentos, você acharia uma barbaridade. Mas, barbaridade igual é despedir 38 antropólogos indianistas, gente de confiança, que estavam trabalhando há muitos anos, para colocar esses que nunca viram índio antes.

Então, realmente, há uma situação que já é grave. Porque, com essa fronteira de expansão, com tanta gente querendo arrancar terra, inclusive com gente capaz de dizimar tribos inteiras de índios para se apossar das terras deles, a isso se acrescenta uma coisa muito triste, que é a Funai de hoje.

Muita gente pensa, ingenuamente, que a Funai é ruim porque é militar. Isso não é verdade, pois foi um militar, o marechal Rondon, que criou o primeiro serviço de proteção aos índios. Aquele serviço era muito deficiente, mas ele sempre foi leal ao índio, que tinha confiança no funcionário. Hoje, não.

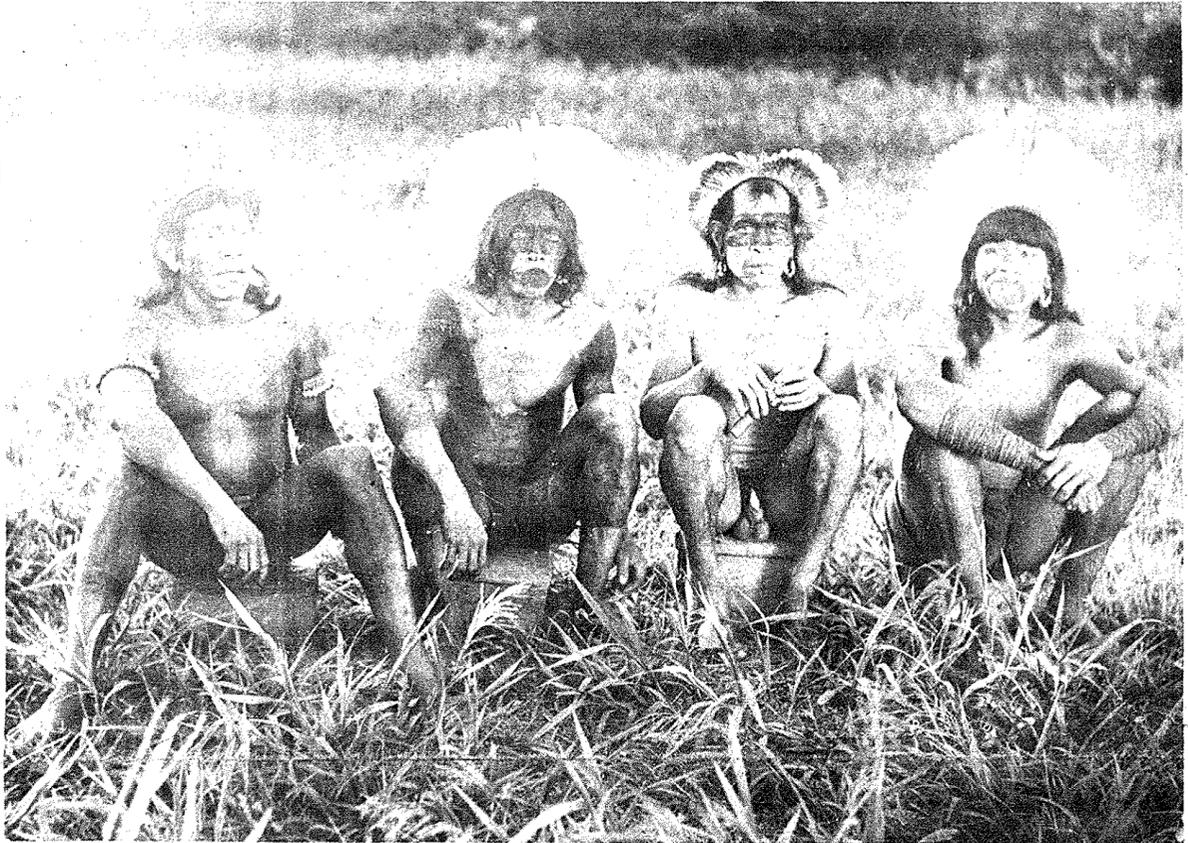
Aqui em Goiás, temos um exemplo. Um funcionário da Funai mudou o nome de um rio no mapa, que fazia fronteira com as terras dos Xavante, para roubar. Fez uma fazenda para ele, e permitiu que mais 50 fazendeiros entrassem para as terras. Os Xavante andaram brigando, de armas na mão, reclamando para que reconhecessem o crime. Esse é um caso. O segundo caso: o presidente da Funai deu 300 certificados de ausência de índio em determinadas áreas, para que elas fossem entregues a particulares. Fez isso no Xingu, com os Caiapó e os Gurutire.

"A TERRA É NOSSA"

Há anos que os índios estão dizendo que não aceitam isso, afirmando que a terra é deles, e que não sairiam do lugar. Os índios cansaram de dizer isso. Mas como a Funai não tomou providência nenhuma, um dia os 14 fazendeiros mandaram seus homens derrubarem a mata. E os índios mataram, em um lugar dez, e no outro, 20 pessoas. Então, a comunidade inteira ficou sabendo, o sistema mundial de imprensa se comoveu e ficou sabendo que duas tribos indígenas haviam matado 30 caboclos. Mas, quem é o assassino? É a Funai, que não foi capaz de convencer os índios — que estava defendendo — de que ninguém iria tomar sua terra. Nem foi capaz de dizer aos fazendeiros que havia índios no lugar.

O presidente da Funai foi muito sacana — tinha dito que não havia índios, provavelmente subornado. Ele tinha que tornar sem efeito aquilo (a declaração de ausência de índios). Para não tornar sem efeito um ato de outro burocrata, eles cometeram esse crime. Então, realmente a questão indígena é grave, pela combinação desses dois fatores: a fronteira de expansão, e a brutalidade da orientação atual da Funai.

Nos últimos anos, dois fatores contribuíram para agravar a situação do índio brasileiro, segundo Darcy Ribeiro: a expansão da fronteira agrícola, que coloca as últimas tribos em contato com as vírus, e a atuação da Funai, que o antropólogo chama de "uma ilha de brutalidades." Analisando a questão, Darcy Ribeiro proclama: todos devem lutar para salvar o índio do extermínio.



O índio brasileiro não irá desaparecer. A tendência é a de preservar cada vez mais a sua identidade cultural

Nas tribos brasileiras, uma nova civilização

DM — Qual a tendência futura para esse quadro?

Darcy Ribeiro — Bom, muita gente pensa que os índios brasileiros estão desaparecendo. Não estão. Vai haver mais índios, no futuro, do que há agora. Nos EUA, também, chegaram a ter em 1800 alguma coisa como mil índios. Hoje tem dois milhões. Aqui, os índios também vão aumentar. No início, eles eram cinco milhões. Hoje, são apenas 200 mil, porque estão sendo muito perseguidos. Mas algumas tribos já começaram a aumentar. E é provável que no ano 2000 tenha um pouco mais. E claro que esses índios vão ficar cada vez mais aculturados, cada vez mais parecidos com caboclos. Mas, ainda assim, permanecerão índios.

DM — Índios cada vez mais doentes?

Darcy Ribeiro — Doentes, também. Mas, com o tempo — isso é um processo que se chama *tamisação* ou *penetração* —, como os índios são populações indemes: ou seja, que não conheciam o sarampo, tuberculose, pneumonia nem cárie dentária, então, quando cada uma dessas enfermidades ataca, mata muita gente. Mas o que sobram, a população mais resistente, ou penetrada, têm alguma perspectiva de vida. A maior parte dos índios do Brasil já está penetrada. Então, ela tem uma tendência a aumentar de número. Se bem que nunca deva atingir o número do passado. Mas serão muito mais numerosos que os de hoje. Embora devam se parecer com o caboclo, permanecerão índios, como o cigano permanece cigano, ou o judeu como judeu.

Como nos EUA, o índio poderá ser engenheiro, advogado no seu carro, cuidando de seus búfalos.

DM — Então, nascerá outro tipo de civilização no Brasil?

Darcy Ribeiro — Não nascerá, já está nascendo. Se você olha nas aldeias, Xavante, Carajá ou Tapirapé, vê que estão aumentando em número e os meninos estão sendo alfabetizados. Há uma tendência indígena no Brasil, de acreditar que o índio vai virar brasileiro comum. Isso não vai ocorrer. Por exemplo: numa reunião em que recentemente participei, no Tribunal Hussel, na

Holanda, estavam presentes mais de 200 índios, entre eles vários dos EUA, que há 300 ou 400 anos estão em contato com os brancos. No entanto, eles estavam lá, pintados, vestidos como índios. No futuro, os índios vão recuperar a sua própria imagem. Até agora, todos os brasileiros, todos os funcionários da Funai, estão aí para obrigarem o índio a vestir roupa, a se fantasiar de outra coisa, a não ser índio. Mas, na medida que haja mais liberdade, eles também vão manter mais a sua cara. Assim como o índio norte-americano.

DM — E o papel dos que constam as tribos, é importante para os índios?

Darcy Ribeiro — Estão engordando sapo para a cobra comer, é verdade, e todos sofreram muito com isso. O pai do Apoena sofreu muito, porque não tomou cuidado. O Meirelles foi tão habilidoso que conseguiu desarmar os Xavante, que ocupavam um território que ninguém entrava. E ele, com bons modos, conseguiu realizar o contato. Agora, de fato, Meirelles fez isso sem tomar cuidado nenhum, de que a Funai estabelecesse o território Xavante previamente, para que eles pudessem sobreviver. Como Meirelles não tomou cuidado nenhum, a *sacanamagem* burocrata da Funai entrou no meio. Então, quantidades de fazendeiros entraram para tomar conta, como se fossem terras de ninguém. Antes, ninguém entrava. Depois, entraram e tomaram. Os Xavante acabaram sendo divididos em três grupos, separados um do outro por fazendeiros.

Foi muito ruim o que aconteceu aos Xavante. E eles estão tendo alguma terra agora, porque obrigaram a Funai, brigaram com fazendeiros, para terem algum espaço. E não somos nós, não são os grandes, não é o governo que está assegurando as terras — são eles mesmos. Então, a grande responsabilidade desses pacíficos é, antes de chegar e dizer que os brancos são bonzinhos e que vão levar coisas para eles, assegurar as terras que os índios têm. E evitar que eles se encontrem com a Funai, porque é ela quem mais líquida com o índio.

DM — E a Funai, como você a vê?

Darcy Ribeiro — Com a Funai.

acontece uma coisa muito trágica: O Brasil viveu uma ditadura violenta até agora. Tivemos experiências, com milhares de pessoas na prisão, de torturas. Então, havia gente que se dedicava a essas sujas tarefas de torturas. Isso está acabando, com a democratização, e há perspectivas de voltarmos ao grau natural, de voltarmos ao ponto civilizado, onde ninguém queima a carne de ninguém.

Mas ainda há bolsões de brutalidade, que ainda estão com a mentalidade anterior. Bolsões onde se concentra toda aquela gente de torturadores, de brutos, que é o pessoal da Funai. Então, a Funai é uma ilha de brutalidades, com postura ditatorial, no meio de um regime democrático. Então, o desejo é que o espírito democrático que paira no momento limpe também aquela área, onde estão acontecendo coisas tenebrosas. E tanto mais dolorosas, pois acontecem com os brasileiros mais humilhados, mais ofendidos, mais perseguidos, que são os índios.

DM — Existe alguma fórmula para se preservar a cultura indígena que ainda resta?

Darcy Ribeiro — Não existe, e nem é necessário. A única coisa que conserva a cultura indígena é o isolamento. Como você não pode condená-los a viver no isolamento, necessariamente isso não vai ocorrer. Agora, pode-se fazer alguma coisa por eles. Eu, por exemplo, ajudei a redigir o projeto do Parque Indígena do Xingú, em 1952. Então, foi aprovado, em face da necessidade da preservação de um pedaço da natureza brasileira, para que os netos dos nossos netos, no ano 3000, pudessem ver o que é uma floresta original. Então, os fazendeiros botam fogo em tudo. Então, a área do Xingú é muito grande, onde ficaram uma série de grupos de índios. Então, graças a isso os índios puderam sobreviver, convivendo uns com os outros, e os civilizados ficaram longe. Então, o que tem de ser feito é isso.

Nesse momento, há um grupo muito maior que o do Xingú, é a maior tribo de floresta tropical do mundo — os Ianomani na fronteira do Brasil com a Venezuela. E todo o mundo está esperando que

o Brasil tenha a generosidade de reconhecer que aquelas terras são deles, e reservar a área, que é uma reserva também para o Brasil no futuro. Mas, o que a Funai está ameaçando fazer? Está ameaçando dar muita terra. A proposta dela é assassinar os índios — isso é genocídio.

A postura do próprio órgão de proteção ao índio é ruim, porque ele não está mais imbuído daquele espírito de proteção, de respeito humano, como ocorreu a Rondon. Está com espírito de imbecil, de proporção do progresso, o que é uma estupidez, porque os índios são tão poucos — 200 mil —, e nós somos 120 milhões. O que ocorre aos índios, não nos afeta. Se desaparecem os índios, não nos afeta. Mas afeta nossa honra. O que o índio necessita de verdade, muito mais que a proteção da Funai — ela podia desaparecer e fechar — é de terra. E de território. E nós é que podemos conseguir isso para eles. É a opinião pública. Por isso, eu, a imprensa, todos devemos lutar para isso.

Os índios não são nenhum impedimento ao progresso. Eles querem apenas um pedacinho de terra. E a Funai, subornado, quer dar aquela terra dali ao fazendeiro tal, ao norte-americano tal, a empresa tal. Isso é uma *sacanamagem*. E muitos brasileiros da cidade não concordam com isso. Então, é a opinião pública que tem de se indignar, falar, para pressionar o governo, para que esses bolsões de brutalidade não continuem carregando a honra nacional. E carregando para a infâmia, porque o mundo inteiro está olhando para o Brasil, espantado.

VISÃO VEXATÓRIA

A visão do Brasil no exterior é muito ruim. Temos um mau nome lá fora, pela prisão, pela tortura durante a ditadura. E era um negócio vexatório, quando autoridades políticas brasileiras viajavam para o exterior eram apupadas por grupos de jovens, que diziam *slogans* como "não torturem mais", ou "carne dói". Já não existe isso, mas continua a idéia de que no Brasil há um povo bárbaro, que persegue, mata e mantém militares perseguindo os próprios índios que sobram aqui.